

Parcela da Indústria no PIB deve encolher para 12,6% diz FIESP

O Instituto para o Desenvolvimento Industrial (Iedi) estima que em dezembro, o número de trabalhadores nas fábricas será 2,4% menor que em 2013. É o terceiro ano seguido de queda no emprego industrial. Esse desemprego crescente é a expressão conjuntural de um processo mais amplo, a decadência da indústria brasileira. Ela se torna visível quando se observa a participação do setor na composição do Produto Interno Bruto (PIB, o conjunto dos bens e serviços produzidos no país, em valores monetários).

Neste ano, a fatia do setor industrial no PIB deve encolher para 12,6%. Significa retrocesso proporcional ao estágio de desenvolvimento que o Brasil possuía há 60 anos, quando o governo Juscelino Kubitschek lançou um Plano de Metas focado na industrialização do Sudeste, ressalta, em estudo, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp).

A Fiesp lembra que em 1947, quando o Brasil possuía uma economia baseada na agricultura, a então embrionária indústria doméstica já contribuía com 11,3% do PIB. E acrescenta: “A participação da indústria no PIB encolheu 30,8% (entre 2004 e 2012). Se o atual cenário não se alterar, em 2029 a indústria de transformação vai representar apenas 9,3% do PIB.”

O resultado da lenta agonia do setor industrial é perceptível tanto nas prateleiras do comércio de rua quanto nas salas refrigeradas onde são elaborados os planos anuais de investimentos das empresas.

Nas lojas, um produto nacional custa, em média, 34% mais caro que o similar importado de qualquer dos 15 países que mais exportam para o Brasil.

Nas empresas, acionistas adiam planos para maximizar os ganhos em aplicações financeiras. Quem investiu R\$ 1 bilhão numa indústria em 2008 obteve cerca de R\$ 460 milhões de retorno em cinco anos. Quem adiou investimentos e aplicou o dinheiro em títulos de renda fixa, por exemplo, obteve retorno de R\$ 620 milhões no período.

Fonte: O Globo

“Carta da Indústria” pede a políticos “a correção de rota” na economia

Após o encerramento do processo eleitoral, representantes da indústria nacional já cobram dos políticos eleitos uma série de iniciativas visando o crescimento da produção nacional. A Confederação Nacional da Indústria (CNI) divulgou nesta quinta-feira um documento no qual desafia a classe política a implementar uma “correção de rota” na economia.

A “Carta da Indústria 2014” elenca uma série de pontos que devem ser resolvidos durante a próxima legislatura, que termina em 2018. Entre as principais demandas estão as reformas tributária e das relações de trabalho, bem como redução da taxa básica de juros, câmbio competitivo e estável, melhoria na qualidade dos serviços públicos e expansão dos investimentos em infraestrutura.

O documento também pede a desburocratização da política comercial e o avanço dos indicadores de qualidade da educação nos próximos anos. “A mensagem principal é de que a indústria tem pressa”, disse o diretor de políticas e estratégia da CNI, José Augusto Fernandes. Ele cobrou ainda que o governo sinalize logo quem será o comandante da economia. “A indústria tem pressa. Pressa para solucionar seu problema de competitividade. Pressa para voltar a ser o centro dinâmico do crescimento brasileiro”, diz a carta, que foi divulgada durante a versão 2014 do Encontro Nacional da Indústria, que foi realizado em Brasília. A CNI coloca seu documento como um aceno ao diálogo “permanente e profundo” com o governo.

Fonte: Valor Econômico

Estudo inédito aponta mudanças na distribuição de indústrias pelo Brasil

Um estudo inédito da CNI (Confederação Nacional da Indústria) mapeou a distribuição geográfica das fábricas no Brasil.

São Paulo ainda é o maior parque industrial do Brasil, mas perdeu força nos últimos anos. A participação das fábricas paulistas em toda a indústria caiu de 39% para 31% em uma década. Além de São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Bahia reduziram sua participação. Outros estados aumentaram a sua contribuição. Foi no Rio de Janeiro onde a indústria mais se fortaleceu,



principalmente pelos investimentos em petróleo e gás. As fábricas de Minas Gerais e do Tocantins também ganharam mais peso. Em termos regionais, Norte, Centro-Oeste e Nordeste tiveram expansão, ao contrário do Sul e Sudeste.

“As empresas poderão ir para regiões onde é mais barato produzir, onde tem pessoal técnico especializado e onde tem mão de obra barata”, afirma Evaldo Alves, economista da FGV-SP.

A pesquisa também confirma um dado que preocupa: o setor industrial como um todo está encolhendo. Para o economista da CNI, os empresários precisam recuperar a confiança.

“Na medida em que isso começar a se desenvolver, principalmente na área de infraestrutura, na área de relações de trabalho e de tributos, o empresário volta a investir e isso alimenta um ciclo de investimento”, pontua o economista Evaldo Alves.

Fonte: G1